Parte 2 - Propostas curriculares em foco

3 - Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos estudantes

Viviane Malheiro Barbosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARBOSA, Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos estudantes. In: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M., and MASSENA, J.H., orgs. *Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, pp. 247-270. ISBN 978-85-386-0472-3. Available from: doi: [10.7475/9788538604723.0012](https://doi.org/10.7475/9788538604723.0012). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/3vrq5/epub/rodrigues-9788538604723.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Capoeira Angola na escola: *uma alternativa à formação integral dos estudantes*

Viviane Malheiro Barbosa

O presente artigo propõe-se a apresentar questões referentes à dimensão educativa da Capoeira Angola e suas possibilidades no ambiente escolar com o intuito de contribuir na implementação da Lei nº 10.639/03. Pretendo articular a tradição afrodescendente e o espaço escolar a partir da visão de três mestres da Capoeira Angola entrevistados para este estudo, agregando tais conhecimentos ao meu olhar como educadora de capoeira, aluna e pedagoga. Nesse contexto, o que pretendo é expor contribuições que corroborem a importância da prática e o estudo da Capoeira Angola na escola, como possibilidade emancipatória para crianças, jovens e adultos.

A partir da minha vivência, com dezoito anos de inserção na prática da Capoeira Angola, procurei destacar a potência pedagógica dessa prática na escola e sua contribuição para o desenvolvimento do ser humano e, ainda, para a transformação e o aprimoramento de conhecimentos e de tantos outros elementos fundamentais para uma educação mais democrática, com um espaço de maior participação dos sujeitos. Para isso, tenho como fundamentos meu estudo e minha experiência

na capoeira como também a crença de que a Capoeira Angola, como bem cultural, é rica em elementos que podem contribuir para escola e agregar-se a ela.

Realizei entrevistas¹ com três mestres da arte. Minha intenção foi saber o que os mestres pensavam sobre a Capoeira Angola na escola e formas de contribuição dela para a educação dos sujeitos como um todo, discutindo brevemente sobre maneiras prováveis de acontecer essa interação. Também, pensando em sua inserção na escola, questionei que efeitos seriam produzidos na arte, já que alguns pressupostos da capoeira, como a mandinga e a malandragem, ainda hoje são vistos de forma pejorativa.

Considerar as percepções dos mestres neste estudo se apresenta como fundamental, já que são eles que possuem maior experiência e saberes sobre a capoeira. Ainda a isso se atrelam minha experiência com a Capoeira Angola e os estudos no curso de Pedagogia.

Os sujeitos escolhidos para as entrevistas foram dois mestres e uma mestra da arte da Capoeira Angola. Fiz a escolha desses entrevistados baseada no meu convívio com eles, por respeitá-los, admirá-los e por conhecer suas trajetórias e sabedoria na arte. Dois dos entrevistados foram meus mestres: a Mestra Lua foi com quem eu me iniciei na arte, e o Mestre Longevidade foi mestre da minha mestra. Optei por chamá-la de Mestra Lua pela relação que pude estabelecer com as letras do seu nome, e ao mestre, chamei-o de Longevidade, porque, além de representar

¹ Perguntas para os mestres: O que você reconhece como educativo na Capoeira Angola? Que fundamentos/elementos da Capoeira Angola poderiam ser importantes para a educação como um todo? Sugestões para uma articulação entre Capoeira Angola e escola. Há possibilidades? Se a capoeira entrasse na escola, fizesse parte do currículo, por exemplo, capoeira como uma disciplina, como isso seria possível? Quais possibilidades e limites da Capoeira Angola realizada no espaço escolar? Se a capoeira fosse inserida de fato na escola, ela seria descaracterizada? O que você acha da contribuição da capoeira como uma educação para a vida? O que pensa sobre isso?

uma linhagem (já que foi o mestre de minha mestra), abordou várias vezes este tema durante a entrevista. Os dois têm grande influência naquilo que eu tenho como referência no meu modo de ser na capoeira.

O terceiro entrevistado, denominado aqui Mestre Tambor, conheci durante minha trajetória na capoeira em Porto Alegre. Esse Mestre também realiza trabalho com adolescentes e crianças, confeccionando tambores artesanalmente, por isso a escolha do nome.

A Capoeira Angola pode oferecer uma gama de possibilidades aos sujeitos que a praticam, por meio da musicalidade e da vivência de uma ancestralidade de matriz africana, reinventada no contexto brasileiro.

As vivências e os trabalhos que tive a oportunidade de realizar em espaços escolares me permitiram perceber que alguns praticantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem, ao vivenciarem a capoeira, demonstravam um potencial fantástico para disponibilidade corporal, através das músicas, dos movimentos sincronizados, incluindo o entendimento mais aguçado de ser solidário ao ajudar nas tarefas e de respeito aos mais velhos, por exemplo. Isso aumentava a autoestima e a confiança desses estudantes, proporcionando ainda um ambiente de socialização. Nessa perspectiva, a Capoeira Angola adentra o ambiente escolar como uma possibilidade de transmitir aos alunos aquilo que é aprendido nesta arte de forma prática, vivenciando um conteúdo que já está na Lei nº 10.639/03, mas ainda não faz parte do cotidiano das escolas.

Trata-se da problematização de uma cultura negra de resistência que, nos currículos escolares, não existe, vivenciando uma ancestralidade africana para que os praticantes conheçam e valorizem sua história e levem esse conhecimento para sua vida.

A capoeira inserida nos currículos da escola é uma grande oportunidade de transformar o contexto escolar em benefício dos alunos e da comunidade. Essa arte traz consigo uma memória que ainda não tem voz e vez nos livros didáticos ou na sala de aula. Aliás, capoeira não

se ensina através dos livros, contudo, dada sua história e relevância, já poderia ocupar um espaço que lhe é de direito nesses locais de aprendizagem. Em 2008, a capoeira tornou-se patrimônio cultural. Onde ela aparece na escola?

Com o objetivo de conhecer o que vem sendo produzido sobre esta temática nos anos de 2010 a 2012, realizou-se uma busca através do Lume,² conforme consta na Tabela 1. Ao observar a tabela, é possível verificar que apenas um (1) trabalho está vinculado ao curso de Pedagogia.

² Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 – Trabalhos produzidos entre 2010 e 2012 cadastrados no Lume-UFRGS

Título	Autor	Temática	Área de conhecimento	Ano	Tipo
Mandinga, malícia e manha por uma cosmopolítica angoleira	Marco Antonio Saretta Pogli	Antropologia social Capoeira Angola Cultura afro-brasileira	Ciências Sociais	2010	Trabalho de conclusão de graduação
Uma pedagogia em movimento: contribuições da capoeira na construção da autonomia	Simone Ribeiro	Autonomia, desenvolvimento cognitivo e inovação educacional	Pedagogia	2010	Trabalho de conclusão de graduação
A prática da capoeira nas escolas especiais da rede municipal de ensino de Porto Alegre, Rio Grande do Sul	Adélia Kervalt Costa	Capoeira e esporte	Educação Física	2010	Trabalho de conclusão de graduação
Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França	Heloísa Corrêa Gravina	Antropologia social, Brasil, capoeira, corpo e consciência, corporeidade, cultura afro-brasileira, dança, etnografia, França identidade social, performance	Antropologia	2010	Tese
Monsueto, Nino Alves e churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho	Edson Alberto Teixeira Dornelles	Capoeira, História oral e memória	Educação Física	2011	Trabalho de conclusão de graduação
A capoeira, uma arte representativa da cultura brasileira	Silvio Pereira Batista	Capoeira, música afro-brasileira, dança afro-brasileira	Letras	2012	Trabalho de conclusão de graduação

Os trabalhos pesquisados possuem assuntos bastante pertinentes à valorização da capoeira, através dos diferentes olhares. Contudo, é importante mencionar que ainda necessitamos de pesquisas sobre a Capoeira Angola como aporte para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 no ambiente escolar. Isso pode indicar a pouca associação da capoeira com as abordagens educacionais.

Em linhas gerais, tal levantamento se traduz no mote de realização deste estudo, onde se pretendeu constituir argumentos sobre as possíveis colaborações da capoeira na formação integral dos sujeitos que se escolarizam, vinculando este conhecimento escolar ao da arte da capoeira, para além de uma perspectiva esportivista.

CAPOEIRA ANGOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE BEM CULTURAL E A LEI NO 10.639/03

A apropriação da cultura, através da Capoeira Angola, acontece por meio das histórias, dos cânticos e dos fundamentos transmitidos oralmente, dos movimentos corporais típicos da capoeira, da execução de instrumentos musicais de percussão, dos diferentes ritmos e do ritual da roda que possibilita o contato direto dos alunos com a vivência e preservação de uma arte ancestral criada pela ânsia de liberdade surgida no Brasil, por meio das lutas de trabalhadores negros escravizados. As metodologias mais conhecidas, nos grupos, consideram que, primeiramente, é importante aprender a base da ginga, depois os movimentos de defesa e, em seguida, a resposta: o ataque. Nesse processo de aprendizagens, a ginga vai se construindo à medida que o jogador vai conhecendo seu corpo, descobrindo a sua dança num jogo de perguntas e respostas. Na Capoeira Angola, cada jogador tem seu jeito próprio de demonstrá-la. A malandragem vem acompanhada de um movimento que o jogador vai absorvendo conforme sua necessidade. Não depende somente da habilidade corporal, mas do entendimento aprofundado dos fundamentos e rituais da capoeira. É uma forma de brincar com o

outro, é um “faz que vai e não vai”, é dosar bem a coragem, lidar com a opressão sem ser oprimido ou se deixar oprimir, ser aquilo que se é, sem ser manipulado, driblar situações de opressão com graça, coragem e malícia, tornando o jogo lúdico.

A capoeira ensina as pessoas a estarem atentas, de prontidão, preparadas para as dificuldades do cotidiano. O capoeirista precisa procurar ter um jogo estratégico, buscando a liberdade do corpo e da expressão através da brincadeira. O ritual, a tradição, os valores e os fundamentos da capoeira nos remetem, ao contrário do que pode supor o senso comum, a uma ética de não violência, pois, ao praticar essa arte, aprendemos a respeitar o oponente partindo desse princípio. O corpo é visto como um lugar sagrado que precisa ser protegido, portanto, a Capoeira Angola sugere vê-lo de outra maneira em relação ao que propõe o senso comum, o que envolve manifestar sentimentos, estabelecer um diálogo com o mundo e expressar aquilo que se quer dizer.

Percebo que existe algo que não pode deixar de ser mencionado, além do que já foi descrito, que denomino como “espírito da capoeira”: ela é viva para os que a praticam. Por mais que o capoeirista tenha domínio da arte e experiência, se ele for para o “pé do berimbau” sem respeitar seu oponente, poderá haver consequências; se o seu ego for maior que tudo que está pulsando na roda, com certeza a capoeira irá lhe ensinar uma lição. Nesse contexto, a ideia de humildade não significa submissão, mas sim amorosidade e respeito pelo outro. O jogo deve se desenvolver “com” o outro e não “contra” ele. Outro ritual que permeia este pensamento é o pedido de proteção ao ingressar na roda. Estamos sempre aprendendo com ela.

A capoeira tem “verdades”, ao mesmo tempo em que é um jogo de “enganação”. Para ser praticada, antigamente, precisava estar camuflada por meio da dança, da picardia, da molecagem e da brincadeira. Não poderia ser uma luta declarada para aqueles que a praticavam sob

o olhar da polícia, por exemplo. Pelos estudos realizados no Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)³ e nos escritos de Vieira (1998), foi observado que as principais fontes dos historiadores e estudiosos da capoeira estão relacionadas aos registros nos arquivos policiais, devido à marginalização e à criminalização sofridas por aqueles que a praticavam.

Com o fim da escravidão, a capoeira é inserida no Código Penal em 1890. A partir daí, os praticantes são reprimidos com extrema violência. Os capoeiras, mesmo sendo considerados criminosos, conforme o Dossiê do IPHAN (2007, p. 17-18), “[...] tiveram uma recuperação social promovida pela ‘vertente nacionalista da *belle époque*’, que buscava defender a capoeira como ginástica brasileira”. Penso que, a partir daí, inicia-se um tímido processo de reconhecimento desta arte como cultura de um povo, mas voltada para uma prática esportiva. Apesar disso, a imagem do capoeirista ainda sofria com o estigma de seus praticantes tidos como vadios e vagabundos.

No documento do IPHAN (2007, p. 23-24), há uma menção a este assunto, lembrando que

Os estudos revelam que os capoeiras não eram um bando de vadios e vagabundos, como escreviam os jornais da época, sendo grande parte deles trabalhadores. Contudo, assim como a maioria da população sotero-politana, os capoeiras eram trabalhadores de rua, viviam de ocupações esporádicas intermitentes. Ou seja, tinham um ritmo de trabalho bastante irregular, o que lhes proporcionava períodos de ociosidade, entreme-

³ Neste trabalho, para fins de referência, utilizei o Dossiê do IPHAN. Trata-se de um Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. É um relatório técnico, elaborado em 2007, para a instrução do processo de registro da capoeira como patrimônio cultural brasileiro. Este dossiê foi elaborado por uma equipe técnica composta por profissionais de diferentes áreas, dentre eles alguns capoeiristas.

ados por momentos de diversão. Mesmo sendo trabalhadores, os capoeiras também podiam ser desordeiros, uma vez que muitos deles simplesmente viviam no mundo das ruas, batiam tambor, jogavam capoeira e algumas vezes até matavam. Em síntese, transgrediam os padrões e as regras da ordem pública.

É importante mencionar que as formas como a capoeira era desenvolvida não envolviam somente crimes (brigas e ataques) como relatavam as notícias dos jornais. Elas apareciam também como forma de lazer, brincadeira de rua praticada nos largos, nas praças e festas, um divertimento popular.

Em 1937 inicia-se o processo de descriminalização da capoeira. Nesse ano, Mestre Bimba recebe autorização para o funcionamento de uma escola de capoeira regional. Ele fez uma adaptação da capoeira, inserindo golpes de outras lutas, fazendo desta arte uma luta de combate direto.

Mestre Pastinha, entre outros, buscava preservar as antigas tradições, rituais e valores da Capoeira Angola, afirmando sua ancestralidade africana e dando visibilidade a essa prática. Esse mestre tornou-se, assim, um dos principais representantes de uma luta pela preservação dos rituais da Capoeira de Angola, deixando um legado que mantém viva a tradição dessa arte até os dias atuais.

A Capoeira Angola diferencia-se da regional em vários aspectos. É possível notar a diferença pelos movimentos e golpes, pela musicalidade e pelo ritual, mas principalmente pelos objetivos que cada uma delas se propõe a cumprir. A Capoeira Angola procura preservar valores culturais e históricos, voltados para uma tradição ancestral identificada com a cosmovisão africana.

Atualmente, na maioria das vezes, a capoeira tem ocupado espaços escolares apenas como atividade extraclasse, seja nas oficinas realizadas

pelo projeto Escola Aberta⁴ ou em datas comemorativas como a Semana da Consciência Negra,⁵ sob a forma de apresentações pontuais. Ainda é possível, portanto, vermos a folclorização dessa arte, o que a restringe às festividades. A instituição escolar demonstra não ter rompido com essa visão, talvez porque os valores histórico, social e político contidos na Capoeira Angola ainda sejam negligenciados, sem compreender essa arte como possível recurso pedagógico para a vivência de uma ancestralidade africana, própria do contexto brasileiro. A capoeira, assim como outros elementos da história e da presença negra no Brasil, foi invisibilizada em favor de uma cultura eurocêntrica.

Foi-nos apresentada uma história única que beneficiava o colonizador, que explorou a força do povo negro, estigmatizou sua imagem e ainda negou-lhe o protagonismo na história do nosso país. Isso é demonstrado claramente nos livros didáticos, com a história do negro contada do ponto de vista da escravidão, ocultando a força de um povo que lutou e que é possuidor de uma cultura que compõe as raízes do povo brasileiro.

O diálogo entre Capoeira Angola e escola vai ao encontro daquilo que está previsto nas *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana* e presente na Lei nº 10.639/03. A tão falada autonomia, o conhecimento da história, resgatando uma memória coletiva, e o reconhecimento dos valores das tradições culturais de nosso país podem ser vivenciados e contemplados através de um pensar mais profundo da capoeira na escola, para além do folclore e do espetáculo.

⁴ O Programa Escola Aberta apoia a abertura, nos finais de semana, de escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social. Viabiliza a aproximação entre escola e comunidade com atividades educativas, culturais, esportivas, de formação inicial para o trabalho aos estudantes e à população do entorno.

⁵ O Dia Nacional da Consciência Negra é celebrado em 20 de novembro no Brasil e é dedicado à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. A semana dentro da qual está esse dia recebe o nome de Semana da Consciência Negra.

A capoeira, por ser um bem cultural, pode contribuir para que os sujeitos compreendam a cultura de resistência na história do povo negro, atuando em favor de uma memória coletiva dessa luta social. Pode contribuir também para a compreensão de valores ligados à ética, solidariedade, coletividade, humildade, sagacidade e autonomia.

A capoeira é uma valiosa expressão da cultura afro-brasileira, tanto no Brasil como no exterior. Seu registro como Patrimônio Cultural brasileiro pelo IPHAN data de 15 de julho de 2008 sob duas formas: a roda de capoeira no *Livro das formas de expressão* e o ofício de mestre de capoeira no *Livro dos saberes*. No entanto, pouco espaço foi reservado na mídia para uma discussão aprofundada a respeito desse tema. Como mencionam Oliveira e Leal (2009, p. 44), “[...] sequer foi possível conhecer, salvo de modo panorâmico, o percurso de luta que seus praticantes vivenciaram para atingir o tão aclamado reconhecimento da arte-luta como patrimônio cultural brasileiro”.

Ao mesmo tempo em que é reconhecida como patrimônio, existe um paradoxo que se refere à história dos capoeiras, como mencionado anteriormente: eles sempre foram tidos como marginais e vagabundos. Cabe ressaltar que, mesmo com esse estigma, foi possível que a capoeira obtivesse reconhecimento, tornando-se um símbolo da cultura brasileira, dada a resistência que as comunidades negras puderam empreender.

A criminalização da capoeira no passado fazia parte de um conjunto de ações de desvalorização da cultura negra, pretendendo manter sua subalternidade, mas a capoeira foi uma forma que os escravizados encontraram de libertação do sistema opressor. Por isso, ainda hoje, precisa ser ocultada da história ou compreendida de forma restrita. Ela pode ser importante subsídio de libertação, não só do corpo, mas também de outras dimensões da existência.

Há saberes relacionados com esse bem cultural que não estão apenas associados à agilidade, mas a algo que é mais profundamente vinculado à constituição do ser humano, da vivência em grupo e da história de um povo. Isso agrega diversas aprendizagens e trocas de saberes entre educandos e educadores de diferentes gerações.

Assinalo que a História do Brasil precisa ser contada de forma diferente, a fim de que se conheça outra versão dos fatos, dando valor e reconhecimento às contribuições de homens e mulheres, negros e negras. Pelo que pude observar, durante minha trajetória de Estágio Docente e em outras inserções em escolas, é notável a falta da abordagem de conteúdos relacionados ao tema nos currículos escolares. Reconhecida a necessidade de que a escola passe por reestruturação curricular, compreendo que conhecer mais profundamente a Capoeira Angola como bem cultural pode contribuir nesse processo.

A presença do racismo é evidente através da história não contada, da invisibilidade das histórias nos livros didáticos, da história única e eurocêntrica, do esquecimento relacionado à trajetória e contribuição do povo negro. A temática que ainda está ausente nas discussões, nos currículos e na sociedade brasileira surge em vários casos de forma limitada e tendenciosa. Os livros didáticos apresentam os heróis negros como figuras exóticas, distantes de qualquer realidade conhecida (a exemplo de Zumbi e Ganga Zumba), ou seja, figuras folclóricas.

OS SABERES DOS MESTRES E A CAPOEIRA ANGOLA NAS PROPOSTAS CURRICULARES: O CARÁTER EDUCATIVO

Para tratar do caráter educativo da Capoeira Angola, Mestre Longevidade declara:

Eu reconheço a Capoeira Angola como educativa a partir do que antecede para que a roda aconteça,

[...] o que antecede a roda exige que nós tenhamos uma enorme gama de saberes bem inseridos. [...] Isso é a história, a geografia, a matemática e a fisiologia que estão contidas nela. Além da musicalidade, a teatralidade, o instrumental, o cântico. [...] Pra mim [...] a experiência na capoeiragem não é só ver a questão educativa, terapêutica, e sim curativa. Então, a partir da minha trajetória, eu me curei e continuo me curando e hoje eu defendo a capoeira pra me manter aprendendo a aprender sempre. (Mestre Longevidade – trecho da entrevista realizada em maio de 2013).

Mestre Longevidade enfatiza que a capoeira é uma prática curativa, que possibilita "aprender a aprender", compreendendo isso como base fundamental. Depois aponta:

A minha preocupação começa porque ela está deixando de ser um jogo por conta de um item só de fundamento chamado finalização que não é bonito, é feio porque lesa, humilha e pode até matar. [...] É necessário que a gente estude muito e venha repetir muito as coisas e tudo que a gente repete muito dentro da capoeira é o que a gente precisa lapidar. A capoeira é um jogo, porque é necessário que a gente tenha enorme gama de saberes que temos armazenados dentro de nós. (Mestre Longevidade - trecho da entrevista realizada em maio 2013).

É possível perceber que, quando o mestre Longevidade fala sobre uma “gama de saberes”, ele está se referindo a todo um aprendizado necessário ao capoeirista, o qual necessita tempo e conhecimentos pertinentes para o desenvolvimento e a participação na roda de capoeira, entendendo seu sentido. Em sua fala, ele reafirma que a capoeira é também um jogo. Ainda, evidencia que, dependendo do que

se quer com a capoeira, no caso, utilizando um único fundamento – a “finalização” –, pode-se provocar efeitos de ordem contrária aos fundamentos da ética dessa arte, que tem como princípio a não violência.

Destaco, também, o fato de o Mestre Longevidade ter mencionado, como princípio pedagógico, a repetição necessária na prática da arte, mas vista como prática escolar tradicional e desconectada. No caso da Capoeira Angola, aponta para outra questão: o aprendiz deve “repetir muito as coisas”, porque existe sentido e para aprimorá-las. Sendo assim, precisa ter seu corpo manejado, treinado, freado, pois há um cuidado com o outro e respeito. O capoeirista, para atingir certo nível de destreza, necessita repetir, memorizar alguns movimentos; não somente pela repetição, mas para aprimorá-los, envoltos em um ritual e no motivo para cada situação.

Mestra Lua traz, em sua fala, a transmissão do conhecimento através da oralidade, ensinando cada aluno e respeitando suas diferenças e seu ritmo. A oralidade, como forma de ensinar, é característica da pedagogia africana. Outro destaque da fala da mestra é a importância de contar aos educandos uma nova versão da História, trazendo uma nova ótica a fim de fortalecer a “[...] autoestima e a identidade cultural do indivíduo que pratica a Capoeira Angola” (Mestra Lua – trecho do questionário realizado por *e-mail* em maio de 2013).

De acordo com Mestre Tambor,

[...] a gente aprende dentro da capoeira, dentro dessas coisas da tradição e busca do ser humano, que é outra coisa: o respeito, a ética, os valores que são necessários para uma relação em grupo”. (Mestre Tambor – trecho da entrevista realizada em maio de 2013).

Da mesma forma, Mestre Lua enfatiza a relevância dos valores necessários para o exercício do praticante, também voltados para a ideia do aprendizado em grupo:

A coletividade onde se pratica a (com)vivência em grupo, o fazer juntos, o aprender juntos, o cuidado com o outro, a troca de saberes, o ritmo onde cada ser tem o seu, vindo a ter tolerância às diferenças e ao tempo próprio de cada indivíduo. (Mestra Lua – trecho do questionário realizado, por *e-mail*, em maio de 2013).

Nesse primeiro momento, já é possível perceber que os mestres são unânimes em apresentar que uma das possíveis contribuições da Capoeira Angola e seus princípios, como bem cultural, é o tensionamento na escola de uma perspectiva competitiva, antidialógica e arraigada em valores que privilegiam o individualismo, por meio da aprendizagem em roda que respeita os diferentes ritmos e formas de ser.

Articulação entre Capoeira Angola e escola

Mestre Longevidade sugere uma nova forma de ver o mundo no fazer capoeirista. Na prática da Capoeira Angola, podemos inverter a maneira de ver o mundo: de cabeça para baixo, buscando outro ângulo. Mestre Longevidade critica o fato de que professores estão deixando de aproveitar o potencial dos educandos para além do esporte, com atividades sem sentido.

Não se nega a questão da capoeira como prática física, do esporte na capoeira, dos ganhos para saúde física, e isso está presente na fala de Mestre Longevidade, mas ele salienta que não é somente isso que se precisa considerar. Sugere um olhar sobre a questão cultural, histórica e simbólica que a capoeira pode trazer e que a escola poderia

aproveitar como potencial para enriquecer suas práticas. Para Mestre Longevidade, é de suma importância a capoeira dentro da escola.

Mestre Tambor, em sua fala, recupera uma categoria interessante: o porquê, o para quê e o como, ou seja, a não neutralidade da educação. Encontro, aqui, elementos para ressaltar também que a capoeira pode estar na escola como espetáculo ou violência, tomando um rumo que se distancia de seu sentido educativo. Sendo assim, evidenciamos a não neutralidade da capoeira.

Segundo Mestre Tambor, quem deseja se inserir nesse universo da capoeira precisa conhecer bem os mestres, as pessoas que ensinam, pois não há neutralidade nessa prática. Em seu depoimento, afirma: “Eu vejo a necessidade para saber bem o que se quer com a capoeira, o que se quer com a educação”, ou seja, aponta para sua não neutralidade. E ainda complementa que é importante destacar “o que se quer passar para o jovem” e que alguns mestres buscam e potencializam a violência. Ele questiona a própria generalização que faço na pergunta envolvendo a relação entre Capoeira Angola e a escola, dizendo-me que essa relação depende do mestre, depende do quê e como, depende do porquê e para quê – sem ignorar o fato de que a capoeira não deixa de ser uma luta.

Mestra Lua considera que, para existir articulação entre Capoeira Angola e escola, é necessário que

Haja uma mudança estrutural na escola, para que ocorra uma transformação no método de ensino, visando educar o indivíduo no seu intelecto e no seu corporal, sem dicotomia. Mas de forma integral, formando seres seguros, afetivos, cidadãos conscientes e autônomos. (Mestra Lua – trecho do questionário realizado, por *e-mail*, em maio de 2013).

A mestra refere-se à dicotomia corpo-mente, proveniente da lógica de produção capitalista, que está presente na escola. Por isso, não basta considerar a capoeira em sua teorização ou a capoeira apenas no corpo, mas a integralidade disso. Sendo assim, a capoeira poderia contribuir para uma visão de formação integral do sujeito, interessante na escola para a superação de uma lógica dicotômica.

Capoeira e currículo escolar: possibilidades e limites da capoeira na escola e descaracterização ou não da prática no ambiente escolar

Mestre Longevidade inicia sua fala expondo que a escola deveria aceitar a capoeira como parte do currículo, por ser um patrimônio imaterial. A arte deveria entrar na escola como um jogo, em todos os seus fundamentos. Mestre Tambor também destaca que, para a capoeira adentrar na escola, é preciso que os professores compreendam seus fundamentos, o que implica não somente trabalhar o corpo, os movimentos, mas sim entender a capoeira como forma de educação, transformação e busca de valores. Tais escolhas envolvem que esta construção se dê junto à comunidade e ao espaço escolar, mas a prática da capoeira não deve ser obrigatória.

Mestra Lua evidencia que uma maneira de a prática entrar na escola seria através da Lei nº 10.639/03, percebida em sua pedagogia própria. Ela faz uma consideração que, nos depoimentos dos outros entrevistados, não é tão clara: ela espera que a lei contribua para que se percebam os fundamentos da cultura e da cosmovisão africanas presentes na Capoeira Angola de tal modo que esses valores e conhecimentos venham para a escola para modificar a prática educativa.

No tocante às possibilidades e aos limites, o Mestre Longevidade menciona que a capoeira já tem espaço em algumas escolas, porém

destaca que ainda existe algum preconceito por causa da cultura racista. O sistema educacional deveria ter mais cuidado e apreço pela capoeira, e isso seria demonstrado se a capoeira entrasse para o currículo das escolas.

Novamente um dos mestres destaca que não deve ser somente uma prática esportiva, que deve estar associada ao jogo. Mestre Tambor relata que não podemos fazer da capoeira um espetáculo, que isso a restringiria significativamente haja vista que a considera alguém da sua possibilidade histórica e política. Ele fala que essa capoeira de espetáculo não corresponde àquilo que seria o cumprimento da Lei nº 10.639/03. A apresentação é uma consequência, não pode ser o objetivo principal.

Mestra Lua acredita ser difícil uma reestruturação do ensino formal de modo que ele atenda a pedagogia africana, que é a pedagogia da Capoeira Angola. O limite está em compreender a escola para além da grade curricular. As possibilidades seriam o intercâmbio entre escola e capoeira, pensando de maneira interdisciplinar. Fica a questão: se a Capoeira Angola fosse inserida na escola, ela seria descaracterizada? Mestre Longevidade diz que, se a capoeira fosse tida somente como esporte, competição e espetáculo, poderia ser descaracterizada; se for assim é melhor que a capoeira não vá para o ambiente escolar. Também tratando de outros temas, igualmente sugere o "aprender a aprender".

Mestre Tambor destaca que a capoeira não deveria estar na escola "para acalmar criança rebelde". A capoeira precisa, conforme os mestres, ser vista pela escola em sua cosmovisão, em seus fundamentos e para a análise das estruturas rígidas.

Mestra Lua aponta questões que os outros mestres também abordaram, dizendo que, se a capoeira

[...] não for trabalhada como esporte competitivo, se não estimular a violência, se o educador tiver tido um mestre e for comprometido em repassar seus saberes, se mantiver os fundamentos, a musicalidade, o jogo, a ética, a teatralidade, criatividade, enfim se a escola estiver aberta e atenta para que a pedagogia [da capoeira] seja mantida, não será descharacterizada. (Mestra Lua – trecho do questionário realizado, por e-mail, em maio de 2013).

ESCOLA, CURRÍCULO E MANDINGA

A mandinga é um componente muito importante para o capoeirista, pois é um dos elementos fundamentais para o jogo da roda de capoeira e para a roda da vida, compreendendo mais amplamente.

No contexto da capoeira, o termo mandinga designa tanto a malícia do capoeirista durante o jogo, fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando-o para o ataque certeiro, quanto também uma certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador da capoeira com o Axé, uma espécie de energia vital e cósmica nas religiões afro-brasileiras. (Vieira, 1998, p. 111-112).

A mandinga se opõe ao jogo violento, ela aparece como “[...] estruturante central, o componente que atribui a verdadeira identidade ao jogo da capoeira” (Vieira, 1998, p. 111). A mandinga é o tempero do jogo, a criatividade, a brincadeira, o aprender a “sorrir para o inimigo e apertar a sua mão”.⁶ É uma maneira criativa que o capoeirista tem de lidar com as adversidades. Conforme Rego (1968 apud Vieira, 1998, p. 112),

⁶ Trecho da música *Uma vez*, de autoria de Mestre Toni Vargas. Disponível em: <http://parande.forgottenlance.com/index.php?option=com_content&view=article&id=149:uma-vez-mestre-toni-vargas&catid=30:ladainha-sarki-sozleri&Itemid=44>. Acesso em: 25 abr. 2013.

No início do século era comum o envolvimento dos capoeiristas com rituais religiosos afro-brasileiros. O substantivo “mandinga” deriva possivelmente da palavra que designa a região Mandinga na África Ocidental, banhada pelos rios Níger, Senegal e Gâmbia, uma vez que entre os africanos trazidos para o Brasil havia a concepção de que naquela região existiam excelentes feiticeiros.

Ser mandingueiro, no ambiente escolar, possibilitaria que o aluno fizesse escolhas em benefício do bem coletivo e de si próprio. Poderia, com isso, descobrir formas de aprender, de tratar os demais, percebendo que o confronto direto não é a saída para situações de conflito. A mandinga é, aqui, compreendida como forma de manifestação da inteligência e da criatividade das pessoas.

Ser malandro é ser esperto e sagaz. Aqui, o sentido não é o da trapaça, mas da criação autônoma, entendendo que isso contribuiria para o desenvolvimento do estudante integralmente. Parto do princípio de que se ele não estiver atento, presente, não irá apreender o que se desenvolve no ambiente escolar e fora dele. A esperteza não é vista, nesse contexto, como algo pejorativo, mas como recurso para o próprio crescimento do sujeito, tendo um entendimento crítico do que o cerca. O aluno criaria sua própria estratégia, na hora de aprender a matemática, por exemplo, sem uma forma única de fazer aquilo que é proposto. Sendo mandingueiro, ele próprio traça uma estratégia para poder realizar as tarefas.

A cultura da escola, ao longo da história dessa instituição, tem sido marcada pela dicotomia entre corpo e mente. Na compreensão presente, nas rodas de Capoeira Angola, por exemplo, no que diz respeito ao que se considera matriz africana, corpo e mente são inseparáveis. Um ponto importante diz respeito à avaliação fragmentada existente na escola, que também se fundamenta sobre bases dicotômicas que se estabelecem a partir de critérios que definem o certo e o errado, setorizando conhecimentos.

Todos os alunos são avaliados diante de um determinado conhecimento de uma mesma forma. Há mais uma tendência à homogeneização, e, por muito, a avaliação escolar ainda é fragmentada e pontual.

O aprendizado da capoeira tem princípio, mas não tem fim. Essa ideia se aproxima da concepção antropológica de Paulo Freire que “[...] é marcada pela ideia que o ser humano é um ser inacabado, [...] um ser no mundo e com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo” (Trombetta; Trombetta, 2010, p. 228). A aprendizagem não cessa em nenhum momento da vida. Perceber a relação da capoeira com o inacabamento sugere que o sujeito continue ativo diante da realidade e busque alternativas para a sua sobrevivência, não só econômica, mas política e social. Vivências que proporcionem alimento ao espírito também.

Ancestralidade: presente e passado vivenciados

Certa vez, eu estava participando de um evento de capoeira, logo que meu grupo de origem N’Zambi havia findado em Porto Alegre. A oficina era de um mestre vindo de Salvador (Bahia). Fui escolhida por ele para tocar berimbau na sua oficina, depois me aproximei e agradei a oportunidade de ter sido chamada para compor a bateria da sua oficina. O mestre respondeu: “Não fui eu que lhe escolhi, foram os ancestrais”.

Ao refletir sobre a fala do mestre e tendo algum tempo como praticante e educadora, é possível perceber que, na Capoeira Angola, os rituais estão diretamente ligados aos nossos ancestrais. “A ancestralidade, de maneira geral, é considerada relativa aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes” (Castro, 2004, p. 149). Uma mescla de valores, como pertencimento, valorização da herança histórica, tradição, oralidade, fundamentos e afirmação cultural, é vivenciada no processo educativo da Capoeira Angola, preparando as futuras gerações para manter viva a tradição e a arte da cultura da capoeira.

Roda de capoeira: lugar de tradição e aprendizagem

A roda de capoeira é local sagrado, cercado de tradição, regras e fundamentos. É onde recebemos a energia dos nossos ancestrais, onde o capoeirista percebe o seu jogo, a sua mandinga, sua inteireza. A roda é o reflexo da vida. No jogo do capoeirista, é possível perceber como ele encara seus desafios. O errar e aprender com esse erro, o ter humildade, respeito, sabedoria, destreza, sagacidade, coragem e principalmente amorosidade.

A roda de capoeira tensiona as práticas tradicionais da escola através da circularidade, da livre expressão, da autonomia, da decisão de estabelecer um diálogo lúdico, respeitoso e guerreiro. Para a roda acontecer a contento, não pode faltar o axé, a alegria, a força vital dos capoeiristas que a compõem. A resposta do coro deve ser animada, empolgante, e o cantador deve passar sentimento, expressão daquilo que é cantado por ele. O jogo deve ser harmônico, conversado através de movimentos, gestos, expressões e muito “mandingado”.

Na roda da capoeira, se aprende olhando também, é preciso estar atento a tudo que se passa. A postura dos mais velhos, os fundamentos, as regras existentes na roda são indicações de como o ritual acontece. É o momento de louvar aos ancestrais em que se mantém viva a tradição da capoeira no aprender e no ensinar através da brincadeira, do diálogo, da interação entre passado e presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da minha vivência na Capoeira Angola, dos estudos realizados durante o curso de Pedagogia e do que os mestres falaram, considero importante que a Capoeira Angola esteja no ambiente escolar. Porém é imprescindível um diálogo entre os mestres e os professores sobre os fundamentos, valores e rituais da capoeira, sendo respeitada e valorizada como tal desde uma capacidade de olhar dos professores para os mestres, reconhecendo o conhecimento que estes trazem.

O tensionamento existente envolve entender tanto a Lei nº 10.639/03 quanto o fato de que a capoeira é um dos fundamentos para a compreensão da lei. Essa tensão pode existir em razão do que a escola quer da capoeira: elemento disciplinador, de contenção. Isso é criticado pelos mestres durante as entrevistas. Também avançaríamos se a malandragem e a mandinga, fundamentos da Capoeira Angola, fossem vistas como valores a serem preservados, pois, no contexto da capoeira, esses valores são tomados como manifestação da inteligência e como forma criativa de lidar com as adversidades.

O que a arte se propõe com relação à autonomia, malandragem, diversificação implicará uma nova compreensão da escola. Assim, a capoeira como patrimônio está ausente da escola. E não só neste ambiente, mas fora das discussões, da mídia. Quando é mostrada, reduz-se às datas comemorativas, como espetáculo. Se pensarmos nela como bem patrimonial cultural, é de suma importância que tenhamos outro olhar, ou melhor, visibilidade, valor e reconhecimento da arte. Os mestres consideram que ainda não temos um caminho traçado para entender o verdadeiro valor da capoeira. Não adianta a capoeira ir para a escola sem manter todos os seus fundamentos, ou ser ensinada com propósitos competitivos ou violentos.

Ainda não sabemos como ocorreria a entrada da capoeira na escola, nos currículos, e se a escola estaria preparada para alterar seus métodos e receber os mestres da arte para ensinarem naquele espaço. O que supomos é que a prática da Capoeira Angola é um instrumento pedagógico muito rico para a formação das pessoas; entretanto, como a escola irá acolher a arte da capoeira é outra questão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cultura. *Dossiê inventário para registro e salvaguarda da capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil*. Brasília, DF: IPHAN, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2017.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Legislativo, Brasília, DF, 10 jan. 2013. Seção 1, p. 1.

CASTRO, L. V. J. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/232/234>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/126/3/Capoeira%20identidade%20e%20genero.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

TROMBETTA, S.; TROMBETTA, L. C. Inacabamento. In.: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 228-229.

VIEIRA, L. R. *O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.